



GT 49. Gênero e sexualidade: violência, subjetividades, territorialidades e direitos

Coordenador(es):

Isadora Lins França (UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas)

Paulo Victor Leite Lopes (UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte)

Sessão 1 - Gênero, violência e conflito

Debatedor/a: Heloisa Buarque de Almeida (USP - Universidade de São Paulo)

Sessão 2 - Sujeitos, sociabilidades e memória

Debatedor/a: Júlio Assis Simões (USP - Universidade de São Paulo)

Sessão 3 - Política, direitos e movimentos

Sérgio Luís Carrara (UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

As últimas décadas têm assistido a transformações importantes no campo de gênero e sexualidade no Brasil, em direção à emergência de novos sujeitos, categorias e direitos num terreno permeado por disputas e conflitos. A antropologia tem fornecido contribuição central para a compreensão desses processos, afirmando seu compromisso histórico com as populações cujos direitos e dignidade têm estado sob ataque por parte de diferentes atores sociais. O conhecimento produzido no âmbito dos estudos de gênero e sexualidade tem também iluminado, de modo geral, processos de produção de diferenças e de desigualdades, partindo da perspectiva de que gênero e sexualidade se articulam – e constituem-se mutuamente – com outras categorias tais como raça, classe social, geração, territorialidades, entre outras. O objetivo deste GT é reunir trabalhos que, situados na intersecção entre gênero, sexualidade e outras categorias de diferença, ofereçam uma reflexão pertinente ao contexto contemporâneo, particularmente nos seguintes termos: 1) das dinâmicas relacionadas à violência nas suas diversas modalidades, contextos sociais e formas de administração; 2) dos intrincados processos de subjetivação relacionados a gênero e a sexualidade e da produção de corpos e sujeitos; 3) da constituição de territorialidades e dos processos envolvendo circulação, trânsitos, fluxos e fronteiras de diferentes ordens; 4) das transformações, conflitos e disputas no campo dos direitos, políticas e movimentos.

A Vida dos "Viados de Fanfarra": Estudo de Construção de Identidades e Processos de Subjetivação de Homens Negros Performáticos na Bahia

Autoria: Vinícius Santos da Silva (UFBA - Universidade Federal da Bahia)

Etnografia crítica e multi-situada que investiga produções de identidade e processos de subjetivação dos viados de fanfarra, homens negros periféricos componentes dos quadros coreográficos de bandas marciais e fanfarras escolares no contexto da maior celebração popular e cívica da Bahia, o Desfile de Dois de Julho em Salvador. A pesquisa almeja contribuir para o alargamento da compreensão sobre a operação social de raça e gênero/sexualidade no contexto afro-brasileiro, contribuindo para a promoção do respeito às diversidades humanas, através da investigação sobre uma experiência criativa que ilustra a resistência de grupos subalternizados através da cultura. Os viados de fanfarra carregam consigo uma autonomização social, uma vida própria, uma manipulação das regras e estereótipos racializadas e generificadas da cultura. Isso compartilhado, identificado e impulsionado com outros, formam uma unidade com códigos próprios de sobrevivência. Dessa forma, conseguem a proeza de posicionar-se em unidades dentro de uma organização



ainda tradicional e, estrategicamente, se firmam como protagonistas e de agentes de resistência, anunciam e organizam um território demarcado pela fechoação. A partir disso, observa-se um universo imbuído de aspectos interseccionais de raça, gênero e classe, o que torna deste fenômeno um importante objeto de análise para entender a dinâmica da agência de homens negros periféricos, com comportamento em dissidência, que vivem na cidade latino-americana mais negra fora da África e dentro do país sul-americano que mais mata LGBTs no globo. Desdobrando-se da cena apoteótica, atravessamos as noções de território, memória, performances e violências na vida dos sujeitos que são personagens deste peculiar espetáculo de rua. Em específico, mas com aspirações globais, o work é um estudo dos processos de identidade e subjetivação dos negros periféricos em dissidência no Salvador a partir dos elementos constitutivos que apresentam os viados de fanfarra e, a partir disso, entender as produções dos signos de resistência e pertencimento frente sistema representacional do estereótipo homofóbico-racial.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: